

**Originalmente publicado em:** MACHADO, C.; ALMEIDA, L.; GONÇALVES, M. e RAMALHO, V. (Org.) (Outubro de 2006). *Actas da XI Conferência Internacional de Avaliação Psicológica: Formas e Contextos*. Braga: Universidade do Minho/Psiquilibrios Edições. ISBN: 978-972-98052-7-1.

# Avaliação da Articulação em Português Europeu: As Provas Sons em Palavras e Estimulação do Teste CPUP

Inês Gomes\*

São Luís Castro\*\*

Selene Vicente\*\*\*

## 1. Introdução

Sendo manifestação por excelência da linguagem, a fala apresenta-se como uma actividade cognitiva complexa, que se concretiza através da articulação de palavras e de frases. Do ponto de vista ontogenético, a produção de fala, em geral, e a articulação, em particular, implicam a aquisição de um sistema fonológico estável, a par de uma coordenação motora fina do sistema de produção de fala (Gomes e Castro, 2005). Ora, tais aquisições não são imediatas, ocorrendo à medida que a criança cresce e se desenvolve, sendo determinadas em parte pelo *input* lexical a que está exposta. Por esta razão, a inteligibilidade da fala das crianças mais pequenas começa por ser reduzida, dando progressivamente lugar a articulações correctas, em resultado de um domínio cada vez mais sólido dos sons da sua língua materna e de processos de maturação motora e consequentes avanços na coordenação fina (Castro e Gomes, 2000). Assim, durante algum tempo, articulações de palavra incorrectas reflectem o carácter desenvolvimental da aquisição fonológica e da coordenação motora. No entanto, é com alguma frequência que encontramos crianças em idade pré-escolar cujas dificuldades articulatórias constituem sinal de atraso ou de perturbação de fala e de linguagem. São crianças que apresentam sérias dificuldades em articular determinados fonemas, muitas vezes em contextos específicos, como é o caso da estrutura silábica em que esse fonema ocorre ou a posição que ocupa na palavra. É por isso importante avaliar a articulação destas crianças o mais precocemente possível, no sentido de uma compreensão mais diferenciada das dificuldades exibidas. Saliente-se, igualmente, que a avaliação das capacidades articulatórias de crianças também se assume como fundamental em contextos escolares, quer em relação com o diagnóstico, quer com o tratamento de dificuldades de aprendizagem. Na verdade, a literatura especializada tem sugerido que um bom domínio da linguagem falada coloca a criança numa posição mais favorável para iniciar a aprendizagem da leitura e

\* Universidade Fernando Pessoa; [igomes@ufp.pt](mailto:igomes@ufp.pt)

\*\* Universidade do Porto; [slcastro@fpce.up.pt](mailto:slcastro@fpce.up.pt)

\*\*\* Universidade do Porto; [svicente@fpce.up.pt](mailto:svicente@fpce.up.pt)

da escrita (Castro e Gomes, 2000). Para além disso, vários autores têm referido que a existência de perturbações articulatórias (e.g., dispraxia verbal, dislalia) em crianças pode afectar negativamente a aprendizagem da linguagem escrita, já que frequentemente se traduzem em competências fonológicas fracas ou inadequadas – competências estas que são essenciais para aprender a ler e a escrever (e.g., Boon, 2001; Cantwell e Baker, 1987; Stackhouse e Snowling, 1992; Temple, 1997).

Em síntese, em contexto clínico e escolar, pode ser relevante avaliar as capacidades articulatórias de crianças em idade pré-escolar e escolar. No entanto, esta avaliação não se reduz apenas a estas faixas etárias. Também no adulto, a avaliação destas capacidades se assume como condição fundamental, já que, muitas vezes, em resultado de lesão cerebral, poderão surgir dificuldades na articulação correcta de sons da fala (Hillis, 2002; Stemmer e Whitaker, 1998). E, mais uma vez, uma avaliação suficientemente fina e diferenciada das capacidades articulatórias poderá estar na base de uma intervenção mais eficaz em reabilitação de fala e linguagem. Neste quadro, torna-se importante dispor de instrumentos que avaliem de forma sistemática a capacidade de articulação de sons da fala. Assim, foi desenvolvido, em 2001, o Teste de Articulação do Centro de Psicologia da Universidade do Porto, CPUP (Castro, Vicente, Gomes e Neves, 2001), para o Português Europeu, a partir de uma prova de nomeação de figuras para um total de 127 palavras-alvo (cf. Castro, Gomes, Vicente e Neves, 1997; Castro, Neves, Gomes e Vicente, 1999; Neves, Castro, Gomes e Vicente, 1995).

A versão original do Teste CPUP contempla apenas a prova Sons em Palavras, destinada a avaliar a articulação de fonemas consonânticos em palavras isoladas, em crianças dos 2 aos 8/9 anos de idade. Trata-se de uma prova de nomeação de figuras constituída por um total de 42 palavras-alvo familiares à criança, que avaliam a articulação dos fonemas do Português Europeu tendo em consideração a estrutura silábica e a posição na palavra (início, meio e fim de palavra). O teste que aqui se apresenta é uma versão revista e ampliada da prova Sons em Palavras do Teste CPUP, tendo em vista a sua publicação a breve prazo.

## 2. Teste de Articulação CPUP – Versão Revista e Ampliada

A versão revista e ampliada do Teste CPUP destina-se a avaliar a capacidade de articulação da fala em crianças e adultos, tendo em conta as características fonéticas e a estrutura fonológica do Português Europeu.

Concretamente, divide-se em duas provas, uma de produção espontânea – Prova Sons em Palavras – e uma de imitação – Prova Estimulação –, que avaliam todos os fonemas consonânticos do Português Europeu em função de três variáveis psicolinguísticas: a posição na palavra (inicial, medial e/ou final), a estrutura silábica (CV, CVC e CCV), e a extensão da palavra (palavras curtas, de 1 ou 2 sílabas, e compridas, de 3 ou mais).

No seu conjunto, estas provas permitem identificar os fonemas que a criança/adulto não consegue articular correctamente e os contextos em que estes se encontram (e.g., estruturas silábicas complexas, palavras compridas). Para além disso, fornecem informação quanto aos tipos de erros articulatórios apresentados e quais os processos fonológicos que estão presentes/ausentes.

## 2.1. Prova Sons em Palavras

A prova Sons em Palavras permite avaliar a produção espontânea de palavras isoladas, na ausência de modelo articulatório. Trata-se de uma tarefa de nomeação de 40 imagens a que correspondem 45 palavras-alvo, consideradas familiares à criança. Estas palavras-alvo permitem a produção de um total de 78 fonemas-alvo em diferentes estruturas silábicas, posições na palavra e extensões da palavra (cf. Quadro 1). Destes 78 fonemas-alvo, 56 são testados em sílaba canónica (CV), 12 em coda (CVC) e 10 em grupo consonantal (CCV).

Posição	Palavras Curtas			Palavras Compridas		
	CV	CVC	CCV	CV	CVC	CCV
Inicial	16	—	5	0	—	3
Medial	19	3	1	21	3	1
Final	—	3	—	—	3	—

Quadro 1. Número de fonemas-alvo da Prova Sons em Palavras, por posição na palavra, por extensão da palavra e por estrutura silábica.

As palavras foram seleccionadas tendo em conta não só os critérios psicolinguísticos referidos (complexidade da estrutura silábica e extensão), mas também os seguintes: a imaginabilidade e ainda a frequência e a familiaridade das palavras, tendo por referência as crianças mais novas.

Para cada imagem existe uma frase-portadora com o objectivo de induzir a resposta desejada na ausência de modelo. Para além disso, e no sentido de reduzir ao máximo a produção de respostas-alternativas, foram igualmente incluídas questões com o objectivo de fornecer pistas ao indivíduo (e.g., para a imagem do *castelo* – «é onde vivem reis e rainhas. Como se chama?»). A tarefa do indivíduo consiste em dar o nome às figuras ou em responder a perguntas sobre elas, produzindo deste modo uma resposta espontânea de palavras isoladas.

## 2.2. Prova Estimulação

A prova Estimulação destina-se a avaliar a capacidade de a criança, ou o adulto, produzir correctamente um fonema após lhe ser dada a estimulação máxima, isto é, visual e oral. Trata-se de um complemento à prova anterior, que permite avaliar mais finamente as dificuldades articulatórias verificadas na nomeação e verificar se elas persistem após o fornecimento do modelo correcto.

Especificamente, trata-se de uma tarefa de repetição de sons, em que é pedido ao indivíduo para repetir a produção do examinador, que aquele acabou de ver e de ouvir com atenção. Deste modo, é possível ficar a saber-se quais dos sons incorrectamente articulados na Prova Sons em Palavras (produção espontânea) são articulados correctamente após modelo e quais as dificuldades que persistem.

A repetição dos sons ocorre primeiro em contexto de sílaba, depois em palavra e, por fim, em frase. Sempre que adequado, para cada um dos fonemas consonânticos, codas e grupos consonantais usados na prova de nomeação, foram seleccionadas seis palavras-alvo – três palavras curtas e três palavras compridas. A essas palavras-alvo foram extraídas sílabas que tivessem em conta as posições que o fonema-alvo pode ocupar na palavra (inicial, medial e/ou final), mas que não correspondessem a uma palavra. As palavras-alvo foram ainda usadas para a construção das frases, aparecendo sempre no meio das mesmas e nunca no início ou no fim.

### 3. Conclusão

As provas Sons em Palavras e Estimulação, que integram o Teste CPUP, permitem uma compreensão mais sistemática e diferenciada das dificuldades de articulação de crianças e de adultos, apresentando-se como um instrumento útil no diagnóstico, bem como no planeamento de programas de intervenção e de reabilitação de perturbações de fala. Têm a vantagem de incorporar variáveis psicolinguísticas, como a estrutura silábica e a extensão da palavra, cujos efeitos se encontram amplamente descritos na literatura (e.g., Harley, 2001; Hillis, 2002; Stemmer e Whitaker, 1998). Usadas em conjunto, estas provas fornecem informação, não só sobre os fonemas incorrectamente articulados e respectivos contextos problemáticos, mas também sobre quais os sons cuja produção beneficia claramente de estimulação. Ora, como nos dizem Miccio, Elbert e Forret (1999), tal informação pode ser particularmente importante no planeamento de programas de intervenção e de reabilitação, já que permite antecipar quais são os fonemas que melhor responderão à intervenção e quais são aqueles que provavelmente exigirão um esforço mais prolongado.

### Referências Bibliográficas

- ▶ BOON, M. (2001). *Helping Children with Dyspraxia*. London: Jessica Kingsley Publishers.
- ▶ CANTWELL, D. e BAKER, L. (1987). *Developmental Speech and Language Disorders*. New York: The Guilford Press.
- ▶ CASTRO, S.L. e GOMES, I. (2000). *Dificuldades de Aprendizagem da Língua Materna*. Lisboa: Universidade Aberta.
- ▶ CASTRO, S.L.; GOMES, I.; VICENTE, S. e NEVES, S. (1997). Desvios articulatorios em crianças dos 3 aos 5 anos. In GONÇALVES, M.; RIBEIRO, I.; Araújo, S.; MACHADO, C.; ALMEIDA, L. e SIMÕES, M. (Eds.). *Avaliação Psicológica: Formas e contextos*, vol. 5, pp. 685-692). Braga: APPORT.
- ▶ CASTRO, S.L.; NEVES, S.; GOMES, I. e VICENTE, S. (1999). The development of articulation in European Portuguese: A cross-sectional study of 3 to 5-year-olds

naming pictures. In PINTO, M.G.; VELOSO, J. e MAIA, B. (Eds.). *Proceedings of the 5<sup>th</sup> International Congress of the International Society of Applied Psycholinguistics*, pp. 123-127. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

▶ CASTRO, S.L.; VICENTE, S.; GOMES, I. e NEVES, S. (2001). *Teste de Articulação do Centro de Psicologia da Universidade do Porto – CPUP*. Porto: Laboratório de Fala, FPCE-UP.

▶ GOMES, I. e CASTRO, S.L. (2005). O efeito da estrutura silábica na articulação de sons em palavras. In ALMEIDA, A.F.P. (Org.), *Fonoaudiologia e Lusofonia. Actas do I Simposium Luso-Brasileiro de Terapia da Fala*, pp.237-249. Porto: Universidade Fernando Pessoa.

▶ HARLEY, T.A. (2001). *The Psychology of Language. From data to theory* (2.<sup>a</sup> ed.). Hove: The Psychology Press.

▶ HILLIS, A.E. (2002). *The Handbook of Adult Language Disorders. Integrating cognitive neuropsychology, neurology, and rehabilitation*. New York: Psychology Press.

▶ MICCIO, A.W.; ELBERT, M. e FORREST, K. (1999). The relationship between stimulability and phonological acquisition in children with normally developing and disordered phonologies. In *American Journal of Speech-Language Pathology*, n.º 8, pp. 347-363.

▶ NEVES, S.; CASTRO, S.L.; GOMES, I. e VICENTE, S. (1995). Os progressos na articulação de fala em idade pré-escolar: Análise transversal quantitativa. In ALMEIDA, L.S. e RIBEIRO, I.S. (Eds.). *Avaliação Psicológica: Formas e contextos*, vol. 3, pp. 505-514. Braga: APPORT.

▶ STACKHOUSE, J. e SNOWLING, M. (1992). Barriers to literacy development in two cases of developmental verbal dyspraxia. In *Cognitive Neuropsychology*, n.º 9 (4), pp. 273-299.

▶ STEMMER, B. e WHITAKER, H.A. (Eds.) (1998). *Handbook of Neurolinguistics*. London: Academic Press.

▶ TEMPLE, C. (1997). *Developmental Cognitive Neuropsychology*. Hove: Psychology Press.